

**Qualis: implicações para a avaliação de programas de pós-graduação das diferentes áreas do conhecimento – uma análise preliminar**

**Qualis: implications for the evaluation of graduate study programs in different areas of knowledge – a preliminary analysis**

**Qualis: implicaciones para la evaluación de programas de postgrado en diferentes áreas del conocimiento – un análisis preliminar**

<http://dx.doi.org/10.21713/2358-2332.2016.v13.1129>

André Luiz Felix Rodacki, doutor em *Exercise and Sport Sciences* pela Manchester Metropolitan University, Reino Unido, e coordenador do curso de Ergonomia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil. E-mail: 21.efis@capes.gov.br.

## **Resumo**

Este estudo preliminar visou analisar o processo de avaliação dos programas de pós-graduação a partir do manuscrito intitulado *Dez coisas que você deve saber sobre o Qualis*, de Barata (2016). Os dez pontos são revisitados e ampliados em alguns aspectos, e outras perspectivas apresentadas. Além disso, diferentes análises são realizadas, utilizando os dados referentes aos artigos publicados entre 2013-2014. Os dados fornecem uma visão atraente para aqueles que estão envolvidos na avaliação da pós-graduação.

**Palavras-chave:** Qualis. Avaliação. Pós-Graduação.

## Abstract

This preliminary study was designed to analyze the assessment process of graduate programs from the manuscript entitled *Ten things you should know about the Qualis*, from Barata (2016). The ten points are revisited and expanded in some aspects and other perspectives are presented. In addition, different analyses are performed using data from papers published between 2013-2014. The data provide an attractive insight for those involved in graduate study assessment.

**Keywords:** Qualis. Assessment. Graduated Studies.

## Resumen

Este estudio preliminar fue diseñado para analizar el proceso de evaluación de los programas de postgrado a partir del manuscrito titulado *Diez cosas que vosotros debéis saber acerca del Qualis*, de Barata (2016). Los diez puntos se revisan y se expandieron en algunos aspectos y se presentan otras perspectivas. Además, diferentes análisis son realizados utilizando los datos referentes a los artículos publicados entre 2013-2014. Los datos proporcionan una visión atractiva para los que participan en la evaluación de estudios de postgrado.

**Palabras clave:** Qualis. Evaluación. Postgrado.

## 1 INTRODUÇÃO

O artigo *Dez coisas que você deveria saber sobre o Qualis* (BARATA, 2016), aborda dez pontos essenciais que permitem melhorar sua compreensão e responde claramente a vários questionamentos que muitos coordenadores de área recebem com frequência. A abordagem passa pela descrição do processo de elaboração do Qualis, indica as funções e distorções em sua aplicação indiscriminada e descreve o processo pelo qual as listas (WebQualis) são geradas. Além disso, o manuscrito se reporta a regras comuns a todas as áreas de avaliação e

debate critérios classificatórios e a forma de atualização do WebQualis. Finalmente, discorre sobre a diversidade de classificações entre áreas, debate perspectivas comparativas entre áreas de conhecimento e aponta o uso indevido do Qualis. Na presente análise, os dez pontos serão abordados e discutidos individualmente, além de expandidos em sua discussão, a fim de observar algumas implicações para o sistema de avaliação dos programas de pós-graduação das diferentes áreas do conhecimento. Trata-se de uma análise preliminar, pelo fato de os dados serem restritos aos dois primeiros anos do período de avaliação quadrienal (2013-2016).

## 2 PRIMEIRO PONTO

O primeiro ponto estabelece a importância de um sistema que qualifique a produção intelectual veiculada em periódicos, ainda que tal produção seja julgada por seus meios de divulgação (periódicos), ou seja, pelo pressuposto de um processo *peer review*, que constitui um certo indicador de sua qualidade. Nesse primeiro aspecto, é preciso diferenciar e enfatizar dois pontos de extrema importância. O Qualis refere-se a um conjunto de critérios empregados pelas diversas áreas do conhecimento para estratificar os periódicos usados por seus docentes/discentes e do qual deriva uma lista denominada WebQualis. Logo, Qualis (critérios) e WebQualis (lista operacional) são elementos distintos e precisam ser entendidos como tal. Os critérios (Qualis) são muito mais perenes ao longo do período de avaliação, enquanto a lista derivada da aplicação desses critérios (WebQualis) pode apresentar oscilações periódicas, especialmente pelo fato de ser revista anualmente e *a posteriori*, ou seja, após a declaração dos periódicos empregados pelos programas de determinada área do conhecimento. Isso reforça a preocupação no sentido de que docentes e discentes levem em conta a credibilidade, a qualidade, a circulação e o interesse da comunidade durante a escolha dos veículos mais adequados para suas publicações, em vez de se aterem apenas à lista WebQualis, que é atualizada e expandida de tempos em tempos.

A lista WebQualis não passa de um elemento facilitador e não deve ser utilizada para balizar a escolha de periódicos para submeter

estudos, pois é relativamente limitada em sua abrangência. Ao se deparar com periódicos que não se encontram listados no WebQualis, deve-se aplicar os critérios Qualis para determinar o possível estrato de vinculação. Furtar-se de publicar num bom periódico que não vigora na lista WebQualis é um equívoco. É necessário enfatizar que deixar de publicar num periódico que não consta da lista impede que ele seja declarado no exercício seguinte e, conseqüentemente, que seja futuramente incluído na lista.

### 3 SEGUNDO E TERCEIRO PONTOS

A natureza do processo de elaboração e a periodicidade com que o WebQualis é modificado reforçam o segundo e o terceiro pontos levantados. De fato, o WebQualis não é uma base indexadora ou bibliométrica que possa qualificar um periódico. Em alguns casos, algumas áreas hierarquizam várias bases indexadoras e bibliométricas, em um processo muito diferente do que efetivamente as bases indexadoras e bibliométricas executam para admitir determinado periódico em seus bancos. A lista WebQualis é limitada aos periódicos declarados pelos programas e não abrange todo o espectro de periódicos disponíveis em dada área do conhecimento. Operacionalmente, não é viável e, tampouco, possível a elaboração de uma extensa lista que circunscreva todos os periódicos de interesse e/ou relevantes. A adoção desse procedimento pode encerrar a incorporação de periódicos de outras áreas e afastar perspectivas inter e multidisciplinares.

### 4 QUARTO PONTO

O quarto ponto levantado no documento refere-se à tarefa de cada área de estratificar todos os periódicos e a algumas estratégias aplicadas por certas áreas para alocar uma quantidade de periódicos como “C” ou “NPC”. Recentemente, o Conselho Técnico-Científico da Educação Superior (CTC-ES), em sua 163ª reunião, deliberou que os periódicos “C” são aqueles que não atendem às boas práticas editoriais com base nos critérios do *Committee on Publication Ethics* (COPE) ou que

não atendem aos critérios dos estratos A1 a B5. Já os itens classificados como “NPC” referem-se a veículos não classificados como periódicos científicos, tais como magazines, diários, anais, folhetos, conferências e quaisquer outros veículos que se destinam à divulgação. Esse estrato inclui ainda registros errados e aqueles que não atendem aos critérios de “A1” a “C”. Portanto, a opção de empregar glosa a periódicos que não pertencem à área de conhecimento fica relativamente afastada.

## 5 QUINTO PONTO

O quinto ponto é delicado, pois aponta para a perspectiva de aproximar classificações divergentes entre diferentes áreas do conhecimento. Se, por um lado, a uniformização de periódicos pode produzir uma base comum para a avaliação, por outro, pode causar distorções importantes. A primeira delas é a de que as proporções de distribuição entre os estratos (por exemplo, até 12% em A1) não permitiriam que periódicos de pequeno impacto, mas altamente relevantes para uma determinada área do conhecimento fossem alocados nos estratos superiores. Notadamente, as áreas socioculturais e humanas possuem periódicos com indicadores de impacto reconhecidamente menores do que outras e, portanto, teriam reduzidas chances de circular nos estratos mais altos – que seriam dominados por revistas com indicadores mais elevados. Por exemplo, periódicos da área da Educação Física – cujo fator de impacto mediano é de aproximadamente 1.5 – jamais serão avaliados entre os estratos mais elevados nas áreas das Medicinas, que requerem fatores de impacto acima de 1.9 para o estrato B2. Assim, dois degraus numa mesma área podem ocorrer sem que os princípios de cada área sejam considerados pouco rígidos. É preciso considerar o estado de desenvolvimento, as características e a própria dimensão das áreas de conhecimento. Algumas áreas menos aderentes ao uso de bases indexadoras e de indicadores bibliométricos podem sofrer impactos ainda maiores. Talvez um processo de homogeneização do WebQualis tenda a criar mais problemas do que a resolvê-los. A proposta de homogeneização precisa contemplar muitos aspectos, mas precisa iniciar por uma melhor convergência nos critérios aplicados para o Qualis. Tais critérios remetem ao sexto ponto.

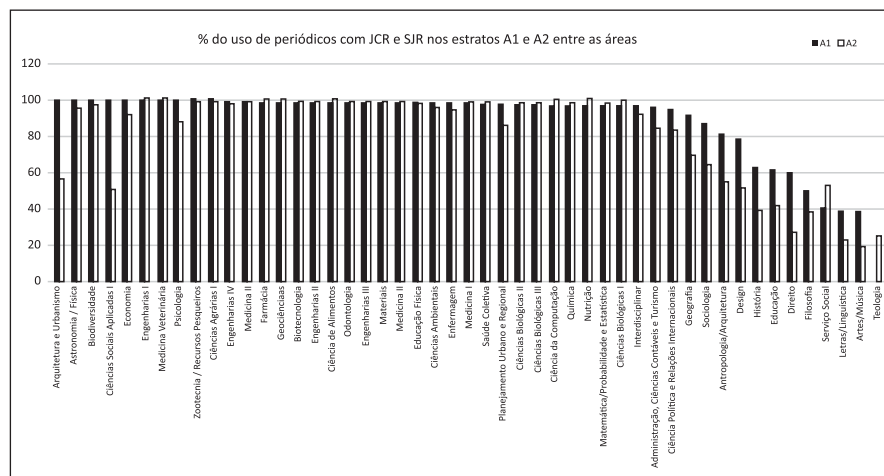
## 6 SEXTO PONTO

O sexto ponto fixa-se nos critérios de avaliação, que são muito heterogêneos entre algumas áreas. Enquanto algumas aplicam o *Journal Citation Reports* (JCR), o índice H do *Scientific Journal Rankings* (SJR), as citações por documento citável (*cites per document*) e outros indicadores, aproximadamente um terço (~31%) das áreas de avaliação não empregam formalmente tais indicadores. Uma análise mais detalhada acerca do uso desses indicadores, especialmente o do JCR, aponta que apenas uma área não possui publicações com JCR em revistas em suas listas 2013-2014 do WebQualis. Interessantemente, uma importante fração das áreas de avaliação (nove áreas) tem menos de 80% de seus veículos sem JCR/SJR no estrato A1, e apenas três estão abaixo de 50%. Nenhuma área do conhecimento deixa de apresentar periódicos sem um desses indicadores mais empregados (JCR e SJR). Apesar das variações nas proporções de periódicos entre os estratos mais elevados, somente 20% das áreas está abaixo de 80% de periódicos com JCR e SJR. Dessa forma, embora não se explicita objetivamente o emprego de indexadores (por exemplo, JCR ou SJR) nos documentos de área, parece que se trata muito mais de uma questão declaratória do que especificamente da falta de veículos qualificados. Ainda que o uso do JCR ou SJR seja frequente motivo de discussão, é necessário observar que seu uso é amplo em países bem desenvolvidos em pesquisa.

Por mais que esses elementos possam estar sujeitos a críticas, é inegável que tais indicadores refletem a circulação de determinado periódico na comunidade internacional e constituem uma das poucas ferramentas reconhecidas que se destinam a esse propósito. Seguindo-se essa lógica, é essencial que programas de excelência (notas 5, 6 e 7) possuam importantes volumes de publicações em periódicos dessa natureza. Não se mostra adequado que programas que visam atingir visibilidade internacional (notas 6 e 7) se isentem de participar de discussões globalizadas e se furtem da crítica de seus pares do exterior. É fato que a internacionalização não pode ser avaliada exclusivamente pelas publicações de um programa em veículos internacionais, mas a ausência desse aspecto é bastante contraditória com a excelência internacional que se pretende.

A Figura 1 mostra o percentual de periódicos nos estratos A1 e A2 em 2013 e 2014 que possuem JCR/SJR, obtidos a partir da plataforma GeoCapes (CAPES, 2016).

**Figura 1 – Percentual de periódicos nos estratos A1 e A2 referentes ao período 2013-2014 em relação ao volume de periódicos nos respectivos estratos que possuem JCR e/ou SJR\***



Fonte: elaboração própria.

\*Os dados são aproximados e sujeitos a pequenas variações por imprecisão do banco de dados.

## 7 SÉTIMO PONTO

A periodicidade em que ocorrem as atualizações da classificação do WebQualis é discutida no sétimo ponto. É muito apropriado o esclarecimento de que as atualizações ocorram anualmente e em decorrência de os programas declararem suas produções intelectuais e pelas atualizações dos indicadores nas bases indexadoras. Assim, atualizações imediatas não são atrativas, pois causam dificuldades operacionais e fazem pouco sentido para os interstícios em que a produção intelectual é analisada. Ademais, os fatores de impacto também são atualizados anualmente, e incorporar suas variações não pode ser considerado em períodos de tempo menores.

## 8 OITAVO E NONO PONTOS

O oitavo ponto explica por que uma mesma revista possui classificação variada entre áreas e debate possibilidades de uniformização. O fato de as revistas possuírem classificações distintas entre áreas não pode ser visto como uma distorção ou anomalia do sistema. Por exemplo, uma revista pode não ter em seu escopo os mesmos elementos que são objeto de análise e compõem o campo de investigação em uma dada área do conhecimento. Logo, é natural que alguns periódicos sejam mais ou menos relevantes para algumas áreas do que para outras.

Ao incorporar na sua lista WebQualis periódicos que guardam baixa (ou nenhuma) aderência ao escopo da área e possuem elevado fator de impacto, observa-se uma diminuição das possibilidades de incorporação de periódicos mais relacionados (com maior aderência), dadas as restrições das proporções de povoamento dos estratos (por exemplo,  $A1 < 12\%$ ;  $A1 + A2 < 25\%$  e  $A1 < A2$ ). Portanto, periódicos com elevada aderência em uma determinada área podem ser estratificados nos níveis mais baixos em detrimento de outros que pouco ou nada representam para seus pesquisadores.

Os fatores de impacto não podem ser vistos como um fim em si mesmo ou como um mero indicador de excelência na área. Talvez seja muito mais atrativo que um pesquisador publique temas relevantes pertinentes a sua área em periódicos cujos fatores de impacto representem a excelência relativa daquele campo ou daquela área de atuação do que simplesmente em revistas de alto impacto pouco conexas. É importante recuperar a ideia de que o conhecimento veiculado em um artigo é de interesse de determinado público de leitores, que geralmente busca informações em revistas que são referência em uma área específica do conhecimento. Assim, a escolha de um periódico para publicação precisa ser muito mais centrada no público-alvo do que exclusivamente nos fatores de impacto.

Uma rápida busca na base *Web of Science*, da Thomson Reuters e/ou na base SCImago permite identificar várias áreas do conhecimento e o volume de periódicos indexados. O volume de periódicos em algumas



áreas do conhecimento permite inferir que o uso de fatores de impacto é possível. Assim, os argumentos de que algumas áreas do conhecimento não publicam internacionalmente parece contraditório com as perspectivas de internacionalização vislumbrada em muitos programas de pós-graduação com notas mais elevadas. Em alguns casos, parece que se trata muito mais da explicitação dos critérios já praticados pelos próprios pesquisadores da área do que o estabelecimento de “novos paradigmas” de produção intelectual. Em outros casos, é nítida a necessidade de investimentos para que mudanças na “cultura” da área possam ser implementadas.

Esse aspecto é também abordado no ponto nove, que discute a comensurabilidade entre áreas. A assertiva de que as classificações são capazes de expressar grandezas diferentes, porém com o mesmo significado relativo em cada campo, pode oferecer uma excelente possibilidade para uma melhor homogeneização dos critérios. Todavia, a mesma lógica relativa se faz necessária, e é preciso empregar indicadores pertinentes à área dentro do seu contexto internacional. Recentemente, Strehl e colaboradores (2016) propuseram uma forma bastante interessante de comparar a produção de periódicos internacionais de uma determinada área do conhecimento, que foi inicialmente apresentada por Vinkler (1996). As comparações são feitas a partir de um indicador normalizado que relaciona a soma de citações obtidas por um grupo de artigos. O Indicador Normalizado ( $R_w$ ) é obtido da média do Fator de Impacto (Garfield Factor) dos periódicos de um subcampo específico (categorias) e pode ser calculado pela fórmula:

$$R_w = \frac{\sum_{i=1}^P C_i}{GF_m \cdot P}$$

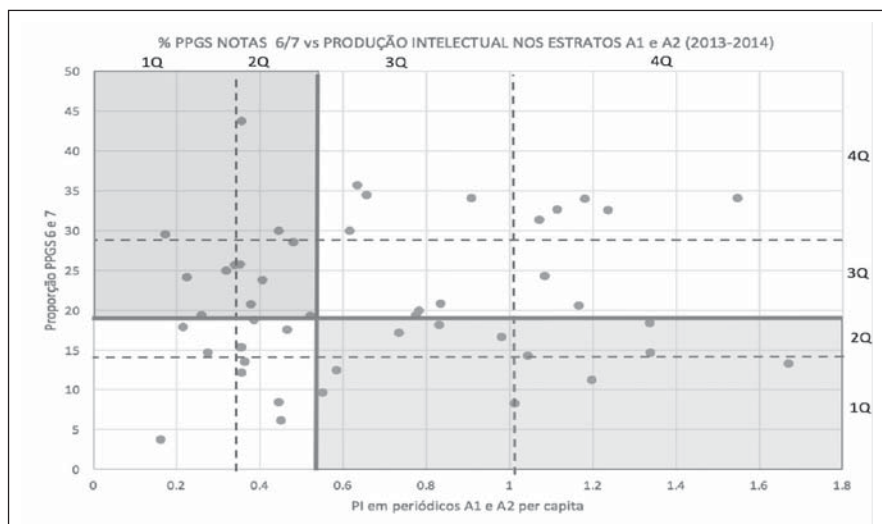
em que o numerador representa a soma do número de citações do conjunto de artigos avaliados;  $P$  corresponde ao número de artigos avaliados, e  $GF_m$  é a média do Fator de Garfield (GF) nos respectivos campos analisados.

Tais estratégias se mostram promissoras, pois permitem considerar fatores de impacto relativos e, assim, comparar melhor o

desempenho de diferentes áreas ou subáreas do conhecimento. Estudos que visem contrapor o desempenho entre áreas são necessários. Parece que estratégias que permitam comparar a produção intelectual entre áreas de conhecimento precisam ser estabelecidas com celeridade, a considerar as distorções que podem ser introduzidas no sistema de avaliação. Por exemplo, ao analisar a produção intelectual dos programas de pós-graduação, observa-se pequena quantidade de artigos publicados nos estratos A1 e A2 por docente permanente, especialmente em áreas que possuem elevada proporção de programas com notas 6 e 7.

A Figura 2 apresenta a produção intelectual em estratos A1 e A2 (normalizada em razão de docentes permanentes que atuaram na área no período) em relação à proporção de programas com notas 6 e 7 (considerados apenas os programas que ofertam doutorado).

**Figura 2 – Produção intelectual nos estratos A1 e A2 (normalizada pelo número de docentes) de 2013-2014 e a proporção de programas de pós-graduação com notas 6 e 7 (entre aqueles que ofertam doutorado)**



Fonte: elaboração própria.

Nota: As linhas pontilhadas verticais e horizontais indicam intervalos interquartis, enquanto as linhas sólidas representam as medianas.

É importante salientar que existem duas áreas com elevada proporção de programas 6 e 7 (no quarto quartil – 4Q) e apresentam baixa produção intelectual nos estratos A1 e A2 (no primeiro quartil – 1Q); canto

superior esquerdo da Figura 2. Por outro lado, existem aproximadamente cinco áreas que possuem elevada proporção de publicações nos estratos mais elevados (quarto quartil – 4Q) e baixa proporção de programas com notas 6 e 7 (primeiro quartil – 1Q); canto inferior direito da Figura 2. As áreas que se encontram nas áreas sombreadas precisam ser analisadas com atenção nas próximas avaliações, pois denotam uma possível inversão no que se refere à produção intelectual mais expressiva em relação ao volume de programas avaliados como sendo de excelência.

É preciso destacar que não se questionam aqui os critérios aplicados pelas áreas para definir os critérios Qualis para a estratificação dos periódicos A1 e A2. Logo, é notória a necessidade de que os critérios de definição dos estratos A1 e A2 sejam comensuráveis entre as áreas. Não se pode deixar de mencionar que a produção intelectual em estratos mais elevados não constitui único e exclusivo indicador de elevado desempenho de um programa, mas, definitivamente, representa um dos mais importantes indicadores para programas que congregam inserção internacional e excelência.

## 9 DÉCIMO PONTO

Finalmente, o décimo aspecto levantado no documento refere-se ao uso indevido do Qualis. De fato, o Qualis tem sido empregado de forma equivocada para diversas finalidades (concursos públicos e concessão de recursos financeiros, entre outras). Mais uma vez, é preciso enfatizar que o Qualis foi concebido exclusivamente para avaliar a produção intelectual de programas de pós-graduação. Logo, o seu uso para outras finalidades precisa ser visto com muita cautela.

## 10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos muitos problemas e distorções que podem ser observadas no Qualis, é necessário destacar que ele trouxe mais vantagens do que desvantagens para o sistema de avaliação. Antes de propor uma unificação do sistema (Qualis único), é preciso encontrar possibilidades que possam reduzir as discrepâncias entre os critérios aplicados para definir os estratos mais elevados. Nas últimas reuniões do CTC-ES parece existir

certo consenso de que os estratos superiores devem ser, pelo menos em parte, caracterizados por indicadores internacionais (SJR e JCR). Existe importante esforço por parte de algumas áreas que não empregavam esses indicadores no sentido de adotá-los de forma gradual e sinalizar à comunidade seu uso e importância.

Não se pode deixar transparecer que existe aqui uma defesa do uso isolado e absoluto desses indicadores. Estratégias que permitam comparar o desempenho entre diferentes áreas do conhecimento possuem uma importante possibilidade, que surge a partir da proposta apresentada por Strehl e colaboradores (2016). Estudos exploratórios são necessários. O uso de critérios mais uniformes pode reduzir discrepâncias na determinação dos estratos e permitir a diminuição das diferenças nos critérios e menor distorção na atribuição de notas entre áreas do conhecimento.

### Referências

BARATA, R. B. Dez coisas que você deveria saber sobre o Qualis. **RBPG**, Brasília, v.37, n.1, jan./abr. 2016. no prelo.

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **GeoCapes**. Disponível em: <<http://geocapes.capes.gov.br/geocapes2/>>. Acesso em: fev. 2016.

COPE – Committee on Publication Ethics. **Guidelines**. 2015 Disponível em: <<http://publicationethics.org>>. Acesso em: fev. 2016.

STREHL, L. et al. Brazilian science between national and foreign journals: methodology for analyzing the production and impact in emerging scientific communities. **PLoS ONE**, San Francisco, EUA, v. 11, n. 5, p. 223-236, 2016.

VINKLER, P. Model for quantitative selection of relative scientometric impact indicators. **Scientometrics**, Amsterdam, v. 36, n. 1, 1996.

Recebido em 28/06/2016  
Aprovado em 02/08/2016